Revista Portuguesa de Musicologia
n.º 13, Lisboa, 2003, pp. 7-34

A constituição da Banda Real na Corte Joanina (1721-24)[1]

GERHARD DODERER

Durante os reinados de D. João IV (1640-56), D. Afonso VI e D. Pedro II (1656-1706) a vida musical portuguesa pode designar-se como a «arte do possível», com bem óbvias limitações socio-económicas no que diz respeito à sua funcionalidade e à sua exequibilidade. Não careceu, no entanto, de um alto grau de subtileza artística e de um grande poder expressivo. A partir do último terço do séc. XVII começou a notar-se uma certa sensibilização relativamente aos ideais sonoros não-ibéricos a par de um reforço gradual de influências alemãs, francesas e, particularmente, italianas. Estes fenómenos surgiram na sequência de acontecimentos histórico-políticos, nomeadamente o fim das hostilidades com o país vizinho, Espanha, (1713, paz de Utrecht) ou de significativas melhorias económico-financeiras (afluxo do ouro brasileiro). A subida ao trono de D. João V (1 de Janeiro de 1707) marcou uma altura decisiva para uma nova orientação do país em termos de políticas interna e externa. Familiar com as tradições musicais da Alemanha, da Áustria e da Itália graças à sua mãe D. Maria Sofia de Pfalz-Neuburg e à sua mulher, D. Mariana de Áustria, o monarca viu com clareza na ostentação musical mais um meio de aumentar o seu prestígio nacional e internacional. Apoiando sistematicamente numerosas acções nos sectores da execução e

1 Uma versão alemã deste estudo foi publicada em 2001 com o título «Nach Lissabon – mit Pauken und Trompeten! Die Verpflichtung eines deutschen Trompeterkorps an den Hof Johanns V. (1723)», *Musica Instrumentalis*, vol. 3, pp. 79-103.

da formação musicais, deu rapidamente origem a um processo dinâmico de renovação musical, processo que ficou profundamente marcado pela influência da própria rainha que estava – como acontecia, aliás, com todas as princesas da casa Habsburgo – muito bem habilitada em termos de prática musical.

No intuito de atribuir também à música uma posição importante no leque dos meios da representação política dentro e fora do país, e devido à sua sensibilidade artística, bem como graças aos meios financeiros que tinha ao seu dispôr, o rei português conseguiu criar quadros reguladores para todas as manifestações musicais, sacras e profanas. A sua opção pelo ideal da música italiana está em nítido contraste com a sua inclinação pela arte francesa nos sectores do vestuário, do mobiliário e da gravura artística. Como homem do Barroco, considerou também importante o gesto musical extrovertido, e desta forma sobrecarregou os órgãos das igrejas, sob o seu patrocínio, com talha dourada, tal como o fez com os coches da sua família e dos seus embaixadores. Os seus músicos, tais como Domenico Scarlatti, Jayme de la Tê y Sagáu ou Carlos Seixas, foram distinguidos com condecorações de alto significado sócio-político.

Devido à opção inequivocamente assumida por D. João V de escolher o espaço litúrgico em vez do palco operático como cenário do espectáculo político barroco, o teatro musical não se desenvolveu de uma forma contínua, mas surgiu a obra gigantesca de Mafra, integrando palácio e convento no mesmo edifício. Aí se concretizou com dois magníficos carrilhões e um conjunto de seis órgãos, um conceito arquitectónico-artístico «sui generis» verdadeiramente original. O monarca conseguiu manter a sua posição como figura central e incontestada no centro da sociedade portuguesa, não tanto no papel de um «rei sol» mas antes como um «rei papa», optando por ocupar um lugar destacado no cerimonial litúrgico, ao lado do Santíssimo, em vez de liderar o «ballet de cour» no palco operático.

Com o crescimento da Capela real, quer dizer, com o constante afluxo de cantores e músicos instrumentistas, levantou-se para o monarca a questão de uma representação adequada da «música alta» dentro e fora do espaço palaciano. Em Março de 1721, D. João V encarregou o seu Secretário de Estado Diogo Mendonça da Corte Real de tratar da criação de um numeroso corpo de «trombetistas» para a corte. Cuidadosas indicações seguiram para o diplomata João Gomes da Silva, o 4º Conde

de Tarouca (1671-1738), que se encontra naquela altura em Haia, respresentando os interesses de Portugal nas negociações de Cambrais (1720-25), depois de ter terminado com grande sucesso algumas missões militares e diplomáticas. Viria a mudar-se para Viena a fim de assumir a função de embaixador, no ano de 1726. No seu arquivo pessoal, conservado na Biblioteca Nacional de Lisboa, encontra-se também a correspondência com Diogo de Mendonça, ofícios nos quais se tratou, entre 1721 e 1724 de uma série de questões e problemas relativos à contratação do corpo de trombetistas solicitados pelo rei. Examinados os quatro ofícios dirigidos de Lisboa ao Conde de Tarouca e seis outras cartas enviadas por este diplomata ao Secretário de Estado em Lisboa, obtém-se um quadro fascinante e extremamente detalhado de todo o processo de uma contratação colectiva de 18 músicos alemães, que chegaram no mês de Fevereiro de 1724 às margens do rio Tejo. Nos anexos deste artigo apresentam-se os extratos relevantes da mencionada correspondência, cuja localização, nos fundos arquivísticos dos Condes de Tarouca, me foi possível conhecer devido à gentil indicação por parte da Senhora Doutora Marie-Thérèse Mandroux-França (Lisboa) a quem presto aqui a minha agradecida homenagem.

As diferentes fases deste processo deixam-se resumir rapidamente: depois das primeiras instruções, dirigidas em 11 de Março de 1721 pelo Secretário de Estado Diogo Mendonça de Corte Real (1658-1736) ao Conde de Tarouca, confirma este último, cinco semanas mais tarde, a sua recepção em Haia e menciona mais tarde – ou seja em Dezembro do ano seguinte – as múltiplas e consideráveis dificuldades que enfrenta ao tentar recrutar os músicos de acordo com as intenções do monarca português. No entanto, as observações e chamadas de atenção do Conde não têm efeito algum, já que, em Junho de 1723, ele é admoestado devido ao atraso que entretanto todo este processo está a sofrer e recebe ordem de cuidar rapidamente do equipamento e da viagem dos músicos já contratados. Conta-se, nesta altura, com 18 trombetistas e três timbaleiros, que iriam formar, em conjunto com outros seis trombetistas e um timbaleiro então ao serviço da corte e residentes em Lisboa, um corpo de 28 membros, na sua totalidade. Ainda em Agosto deste mesmo ano de 1723, o Conde de Tarouca informa que os preparativos da viagem estariam terminados, sem, porém, deixar de chamar discretamente a atenção para os enormes custos e para os três músicos ainda em falta. O ofício mais

abrangente, à maneira de um relatório final, data do mês de Outubro deste ano de 1723 com informações que dizem respeito:
- à partida prevista para breve;
- à composição e à qualificação do corpo formado pelos trombetistas e timbaleiros;
- a uma cópia do contrato de serviço redigido em português e também em francês;
- a um rol pormenorizado sobre o conteúdo de 13 grandes caixotes com instrumentos, trajes e equipamento para a apresentação dos músicos em público a cavalo;
- a uma listagem comentada que abrange os nomes dos 16 trombetistas e de dois timbaleiros.

Em Novembro avisa-se a partida da cidade de Haia, concretizada finalmente no dia 1 daquele mês, e três meses depois encontra-se na correspondência, vinda de Lisboa, a confirmação da chegada dos músicos à capital portuguesa.

Uma análise das cartas trocadas entre Diogo Mendonça de Corte Real e o Conde de Tarouca revela uma série de pormenores que são, de facto, bem significativos para a vida musical em Lisboa, durante o segundo quartel do séc. XVIII:

1) Em Lisboa existia, a partir de 1724, uma banda real formada por 22 trombetistas e três timbaleiros, banda que será aumentada numa altura mais tardia (actualmente ainda não definida), até ao total de 24 trombetistas e quatro timbaleiros. Este número estará certamente relacionado com os 24 trombetistas da «garde du corps» de Luís XIV. Já em 1729, aquando do pomposo encontro das duas cortes ibéricas por ocasião da troca dos infantes em Caia, se falou – tal como em várias outras ocasiões relatadas nos anos seguintes – expressamente dos «24 trombetas, e atabaleiros de El-Rey».[2] Neste aspecto, confirmam-se as já acima referidas observações da autoria de E. Tarr no seu estudo sobre as trombetas e as partituras conservadas no Museu dos Coches de Lisboa, onde se chama a atenção sobre Johann Ernst Altenburg que falou em 1795 – embora com o nome incorrecto do rei português – da criação da

2 «[...] Concertada, pois, a jornada para Lisboa em nove de Fevereiro [...] Saîraõ pelas oito da manhã de Evora, disposta a ordem da sua marcha [...] Vinte e quatro trombetas, e atabaleiros de El-Rey [...].» In J. de NATIVIDADE, *Fasto de Hymeneo, ou Historia Panegyrica dos Desposorios dos Fidelissimos Reys de Portugal, nossos Senhores, D. Joseph I. e D. Anna Vitoria de Borbon*, Lisboa, 1752, p. 305.

banda de D. João V.[3] Nesta mesma ordem de ideias podem ser agora correctamente enquadradas as notícias que E. Tarr transmite no seu trabalho, referindo-se às notícias espalhadas sobre os charameleiros da corte fornecidas por Lambertini e Sousa Viterbo[4] na revista *A Arte Musical*. Pouco claro permanece, no entanto, até que ponto a Banda do monarca português poderá ter sido reforçada – antes e mesmo depois da vinda dos músicos alemães – por elementos de membros de outros conjuntos de sopro existentes em Lisboa, como por exemplo, por aquele que o Infante D. Francisco teve ao seu serviço e que viera dos Países Baixos para Portugal, também graças à intervenção do Conde de Tarouca;[5] estes músicos foram já honrosamente mencionados em Julho do ano de 1715 nos relatos do secretário do Núncio Apostólico.[6] Depois de 1724 foi descrito várias vezes o aparecimento em público da Banda do rei, em composição completa ou parcial, sempre acompanhando o monarca ou membros da família real fora do Paço, como acontecia regularmente aquando de procissões,[7] exéquias[8] ou outros acontecimentos especiais. Entre este últimos merece atenção particular a aclamação de D. José I,

3 «So liess 1722 der damalige König von Portugal, Christian II. [sic], zwanzig deutsche Trompeter und zwey Pauker auf einmal [...] in seine Dienste nehmen, und die Reisekosten für sie bezahlen [,] gab ihnen prächtige Livree und ansehnlichen Sold». In *Versuch einer Anleitung zur heroisch-musikalischen Trompeter- und Paukerkunst*, Halle, 1795, citado através de E. TARR, «Die Musik und die Instrumente der Charamela Real in Lissabon», in *Basler Studien zur Interpretation der Alten Musik – Forum Musicologicum II*, 1980, pp. 181-229, aqui pp. 189-190.

4 E. TARR, *op. cit.*, p. 190, referindo-se a trabalhos de M. A. Lambertini e Sousa Viterbo na Revista *A Arte Musical*, 1912-1913.

5 V. p. 9 deste texto.

6 «[...] Ils.re Infante D. Fran.co non potendosi diuertire alla Caccia p la penuria di essa causata dalla destruzione da esso fattane ne' tempi passati in questi contorni, pare chè applichi il suo genio alla musica, godendo alle uolte di qualche sinfonia, et in primo luogo del suonò delle Trombe, e timpani suonati da eccellenti uirtuosi fatti uenire espressamen.te da Olanda. [...] », citado através de Gerhard DODERER e C. Rosado FERNANDES, «A Música da Sociedade Joanina nos relatórios da Nunciatura Apostólica em Lisboa (1706-1750)», in *Revista Portuguesa de Musicologia*, 3, 1993, pp. 69-146, aqui p. 88.

7 «[...] Na tarde deste dia, em que se concluia o Oytavario, se fez a Procissão com a ordem seguinte. Em prieyro lugar hiaõ sete excellentes clarins, que faziaõ mais sonoros os repetidos, e ayrosos golpes de huns timbales, com que tocavaõ. ... ElRey Nosso Senhor com o Senhor Infante D. Antonio, como tambem a Raynha N. Senhora com o Serenissimo Principe do Brasil, e Prinzesa das Asturias, e Infantes fizeraõ com a sua assistencia em tudo Real este Octavario: e à sua imitaçaõ o Emminentissimo Cardeal da Cunha, Embaixadores de Hespanha, e todos os mais Ministros das potencias Estrangeiras.» In *Relaçam das festas que os Padres da Companhia de Jesus ... fizerão em a Beatificaçaõ do Beato Padre Joaõ Francisco Regis*, Lisboa, 1727, pp. 17-18. - «[...] e acabadas as Vesporas entoou o Hymno Te Deum laudamus, que cantou no coreto a musica; concluido o qual se deo principio á Procissaõ, que se formou de modo seguinte. Hiaõ diante dous pares de timbales, e nove clarins tocados pelos Trombetas, e Timbaleiros Reais que levavaõ vestidas as suas fardas ricas cubertas todas de galoens de ouro [...]». In *Relaçaõ das Magnificas*

logo a seguir à morte de seu pai em 1750.[9]

2) Com a criação da Banda do rei, não se constituiu uma nova prática musical, uma vez que sabemos da existência de conjuntos de instrumentistas de sopro de madeira/metal na corte portuguesa desde o séc. XIV, em forma de capelas da «música alta», com o uso de charamelas (= chirimias),

festas, com que na Cidade de Lisboa foy applaudida a Canonizaçaõ de S. Camillo de Lellis, Lisboa, 1747, pp. XXXVIII-XXXIX.

8 «[...] Depois de embalsamado o corpo do Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira, que governava as armas nesta Corte, de cujo falecimento se deu conta a semana passada, se expoz em huma antecamera armada, onde os Religiosos Arrabidos, de quem foy grande bemfeitor, lhe cantàraõ as Matinas do Officio de Defuntos, e os Conegos da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista, vulgarmente chamados Loyos, em cujo Mosteyro da Cidade de Evora està o jazigo da sua Casa, lhe cantàraõ Laudes, e o seu Geral a Missa: [...] Preparadas todas as cousas necessarias para o seu enterro, e dispostas as honras militares por ordem do Marquez de Marialva, Gentilhomem da Camera de S. Mag. eSargento mòr de batalha, se deu ordem à marcha. [...] As caixas e atabales cubertos de luto; e assim estas, como as trombetas tocavaõ destemperadas, e à sordina, [...]». In *Gazeta de Lisboa*, 6.02.1727. - «[...] No dia 31 do mez de Outubro celebraram na sua Igreja de S. Joam Nepomuceno os Religiosos Alemaens da sagrada reforma da grande Matriarca Santa Theresa exequias solemnes pela alma do Fidelissimo Monarca o Senhor Rey D. Joam o V, [...]. Houve huma excelente musica, e no fim de cada responsorio huma sentidissima harmonia de atabales, e trombetas, como se pratîca em Alemanha nos funeraes regios, os quaes tocados á surdina, influiam huma sensivel ternura nos circunstantes.» In *Gazeta de Lisboa*, 12.11.1750.

9 «[...] Havia determinado o nosso Augusto Monarca o dia 7 do corrente para o acto da sua Real Aclamaçam: querendo fazer deste modo mais solemne a fésta do aniversario do Nascimento da muita Augusta Rainha D. Maria Anna de Austria nossa Senhora, e sua Mãy. [...] Pelas duas horas, e meya sahiu S. Mag. da Sua Camara [...] A festiva harmonia dos clarins, atabales, e oboás publicou logo, que se principiava o acto, [...]. Passou depois [o novo Rei] á Santa Basilica Patriarcal [...] ajoelhou Sua Magestade com o Sceptro na mam; e assim assistiu ao Te Deum, cantado pelos Musicos Italianos, e Portuguezes, [...]». In *Gazeta de Lisboa*, 15.09.1750. – «[...] Chegou em fim o dia 7. de setembro taõ appetecido, quanto festejado: dia que a Divina Providencia destinou para a Acclamaçaõ [...] Para esta vistosa funçaõ ideou a Arquitectura, sempre conspicua nos seus preceitos, huma Varanda, que principiava no torreaõ da Casa da India, e acabava onde principio o Corpo da Guarda [...] Tanto que Sua Magestade deu os primeiros passos pela Varanda assás preciosa, tocaraõ os Menistris, trombetas, charamelas, e timbales com taõ primorosa, e harmonica consonancia, que a todos igualmente augmentaraõ os jubilos [...] em voz alta fallou [o Alferes môr] assim: Real, Real, Real, pelo muito Alto, e muito Poderoso Senhor ElRey D. Joseph o Primeiro nosso Senhor, palavras que os Reys de Armas, Arantos, e Passaventes, ajudados das pessoas que estavaõ na Varanda repetiraõ; ajudando este alvoroço os Menistris com os seus instrumentos. [...] e logo os Menestris tocaraõ os seus suaves instrumentos [...] depois das quaes palavras tocaraõ os Menestris os referidos instrumentos com o primor que se póde presumir da grande alegria, que em seus corações residia [...] Chegou pois Sua Magestade [à Capela real], e pondo-se de joelhos, beijou [...] a reliquia da Cruz, em que o Rey dos Reys deu a propria vida. Depois deste piedoso acto, sem intervir demora, começou a musica a cantar no coreto o Te Deum laudamus; parecendo a quem ouvia, que estava admirando hum transumpto da musica celeste [...] tocando neste tempo [= durante a saida dos presentes] os Menestris seus suaves, e deliciosos instrumentos. [...]». In *Jubilos de Portugal na gloriosa Acclamaçaõ do Fidelissimo, Augusto, e Poderoso Monarca D. Joseph Nosso Senhor*, Lisboa, 1750, pp. 39, 48, 51-53, 55.

bombardas, sacabuchas que coexistiam com os trombetistas propriamente ditos. Nos relatos dos cronistas da expansão portuguesa, poucas vezes fica claro, se a designação «charamela» e o «charameleiro mor» (mestre das charamelas, em alemão «Spielgraf») se referem exclusivamente a instrumentos do tipo do agrupamento mencionado. Mas já em Vila Viçosa, por exemplo, na corte do Duque D. Teodósio, pai do mais tardio D. João IV, comprovam os documentos a actuação simultânea de oito «charamelas», oito trombetas, 3 clarins e 8 timbales.[10] No decorrer do séc. XVIII parece ter-se concretizado uma clara separação entre estes dois primeiros corpos de instrumentos: nas fontes arquivísticas distinguem-se então claramente os trombetistas por um lado («trombeteiros/trombetas» e «clarins») e os «charamelas», por outro lado. Em 1780, nas listas de pagamento da corte, mantêm-se estritamente separados os músicos dos dois conjuntos.[11] Esta clara distinção no que respeita à prática de execução musical e às funções dos conjuntos existentes deve-se certamente à constituição da Banda do rei no anos de 1721/23. Relativamente às actuações dos instrumentistas de sopro, tal como as encontramos nos fundos arquivísticos, não cabem dúvidas, por um lado, de que se trata de músicos da corte, como p.e. no âmbito de touradas,[12] passeios da rainha no rio Tejo,[13] aniversários,[14] festas litúrgicas[15] ou de outros acontecimentos

10 «Da libree, que deu o Duque [...] a oito charamelas, a oito trombetas, a tres trombetas bastardas, a oito negros, que tangem os atabales [...]», Biblioteca Nacional de Lisboa, cod. 8522, fol. 10.

11 V. E. TARR, *op. cit.*, pp. 189, 229.

12 «Correrãose os tres dias de Touros Reais em quinta, sbbº, e quarta frª 15. 17. e 21 do corrente, sendo o prº caualrº o Conde do Rio grande, o segº o conde de S. Lourcº; e o tercrº o Bisconde de Ponte de Lima; todos muy luzidos, e mtº mais o Bisconde, gastando á sua custa, e assim entrou esta com doze trombeteiros, e frautros., adiante, tocando as suas trombetas e frautas, uestidos todos, e assim mesmo os quatro criados q lhe seruião os rojões, de veludo branco, com vestias e canhões de ló encarnado, plumas nos chapeos, gorouatas, e punhas de renda, espadins dourados, e meyas de seda [...] Aguarão a praca 20 carros, cada hum fingindo sua fabula, todos, muy proprios, e muy galantes; como tambem as danças, e mais festejos. etcª». In J. Soares SILVA (ed.), *Gazeta em forma de carta - anos de 1701-1716: Tomo I (1705 - 1709)*, 30.11.1708.

13 «[...] Quarta feyra se divertio a Rainha N. S. passeando pelo Rio no seu Bragantim Real, acôpanhada das suas Damas, & Officiaes da Casa, seguida por huma falua com atabales, & clarins; & este mesmo divertimento teve na tarde de Domingo passado.» In *Gazeta de Lisboa*, 27.01.1718. - «A Rainha N. Senhora repetio Domingo o seu divertimento no passeyo no Rio com Musica, clarins, & atabales [...].» In *Gazeta de Lisboa,* 14.07.1718. - «[...] A Rainha N. Senhora se divertio no mesmo dia [= domingo passado], no passeyo do Rio com as suas Damas nos Bargantins Reaes, seguidos de outros com musica de clarins, & atabales [...].» In *Gazeta de Lisboa,* 22.09.1718.

14 «[...] O Conde de Avintes celebrou esta merce com huma grande, & festiva demonstração de gosto [...] nas tres noytes seguintes, ouvindo-se nellas huma sonora musica de vozes, & armonia de clarins, atabales, buazes, flautas, & rebecas no seu Palacio, & em todo este tempo se continuáraõ as luminarias, & repiques na Capella, Igrejas, & Cidade.» In *Gazeta de Lisboa,* 12.12.1716.

festivos e alegres[16]; por outro lado, porém, em outras ocasiões permanece bem pouco definida a origem dos músicos envolvidos, deixando-nos até margem para pensar na intervenção de músicos militares cujo sistema de pagamento, proveniente do ano de 1707, chegou ao meu conhecimento

15 «[...] onde [= Convento de Nª Senhora do Bom Sucesso] se celebrava a festa do Rosário, fazendo mais agradavel o passeo a harmonia de clarins, & atabales, que acompanharaõ [...]». In *Gazeta de Lisboa*, 12.10.1715. - «[...] as primeyras Vesperas, cantadas pelos mais destros, & singulares Musicos da Capella Real, & Corte, assistindo por ordem de S. Magestade as rabequilhas, & aboazes de sua Real Capella, como tambem assistiraõ os seus atabales, & clarins todos os tres dias, & tudo debayxo do compasso, do que por tudo, & em tudo reconhecido por Mestre o Reverendo Padre Joseph Cardoso, o qual nesta tarde, & em todas as occasioens, que lhe coubèraõ neste Triduo, mostrou que sabia, como novo Apollo, dirigir vozes desmẽtidoras das fabulas de Orfeo, porque se as deste só a irracionaes constrangia, as daquelle aos mais doutos, & entendidos attrahiaõ de modo, ´q affirmavaõ todos, parecia quizera Deos para mayor gloria deste teu Bem-aventurado Servo, que as vozes, com que os Anjos no Ceo o festejavaõ, fizessem repetições nas gargantas dos que na terra o applaudiaõ. As quaes para em tudo serem Reaes, tinha o Illustrissimo Cabido da Capella Real tomado por sua sonta a solemnidade da manhãa do primeyro dia. [...] o pavimento de mil oytocentos & vinte & quatro palmos quadrados se cubrio de pano verde, & se puzeraõ sobre elle os bancos dos Reverendos Conegos em hum degrau alto cubertos de oanos ricos, logo mais bayxos os bancos dos Beneficiados, & mais interiores os bancos dos Capellães, Musicos, & mais Ministros da Capella Real [...].» In *Relaçam das festas que os Padres da Companhia de Jesus ... fizerão em a Beatificaçaõ do Beato Padre Joaõ Francisco Regis.* Lisboa, 1717, pp. 14-15. - «Seguirseha o apparato do Triunfo por sua ordem em dous ruidosos tambores, com estrondosos Atabaleyros, em dous altos, & alegres clarins, com sonoras, & plausiveis charamelas, hũma bem concertada, & alegre dança com bons enfeytes, & adornos, vozes de instrumentos, que bem represente este jucundo, & agradavel estrondo o applauso, & gloria [...].» In S. Sarmento, *O Triunfo da Resurreyçam de Christo Senhor Nosso, que se fez em a Villa de Abrantes...*, Lisboa, 1719, pp. 21, 42. - «[...] chegou a tarde de dous de Agosto, em que depois das customadas demonstraçoens de alegria, com os sino, e timbales se deraõ taõ estimavel nova a toda a Corte, se cantàraõ as primeiras Vesperas pelos mais destros, e excellentes musicos da Igreja Patriarchal, e Corte, com toda a variedade de instrumentos, assistindo a ellas o Illustrissimo, E Reverendissimo Senhor Patriarcha, Grandes, e Nobres, e hũa extraordinaria multidaõ, e affluencia de Religiosos, e povo. Acabadas as Vesperas, e entradad a noite, ao som de timbales, e clarins, que naõ faziaõ menos plausiveis os continuados repiques da maior parte dos sinos das Communidades da Corte se começáraõ a ascender os vistosos artificios [...].» In *Relaçam das festas que os Padres da Companhia de Jesus ... fizerão em a Beatificaçaõ do Beato Padre Joaõ Francisco Regis*, Lisboa, 1727, p. 11. - «[...] Aos dous lados desta [= escada de entrada], da parte da Igreja, se tinhaõ levantado dous tablados de madeira adornados com cortinas, e pannos bordados, nas quaes se collocaraõ dous coros de instrumentos bellicos, como clarins, trombetas, timbales &c, que com a sua doce e impetuosa conconancia publicavaõ a grandeza da celebridade. [...] entoou o mesmo Prelado o principio das Vesporas, cujos Psalmos e Hymnos foraõ cantados no Coreto por huma harmoniosa e sonora musica composta das melhores vozes Portuguezas e Italianas, e diversas castas de instrumentos, como Orgaõ, Rabecas, Rabecoens, Clarins, Autboás, Timbales, Flautas, tocados pelos mais insignes professores, que executando com o mayor acerto e sciencia os harmoniosos preceitos desta agradavel arte, juntamente deleitavaõ os sentidos [...] Celebradas as Vesporas com todas as ceremonias, que prescrevem os Sagrados Rituais, e cantada no fim dellas a Oraçaõ propria de S. Camillo [...].» In *Relaçaõ das Magnificas Festas, com que na Cidade de Lisboa foy applaudida a Canonizaçaõ de S. Camillo de Lellis,* Lisboa, 1747, pp. XXV-XXVI.

16 «O Senhor Marquez de Capichelatro, Embayxador extraordinario de Hespanha, tem celebrado no seu palacio com luminarias, fogos artificiaes, & ajustes de rebecas, oboás, & clarins nestas duas noytes de terça, & quarta feyras o casamento ajustado da Senhora Infante de Hespanha D. Marianna Vitoria com El Rey Christianissimo, [...].» In *Gazeta de Lisboa*, 16.10.1721.

há pouco tempo.[17]

3) A julgar pelos nomes dos trombetistas e timbaleiros que vieram dos Países Baixos, chega-se à conclusão de que foram exclusivamente músicos de origem alemã que se empenharam nesta viagem, em parte até com mulher e filhos. Nada sabemos sobre a sua permanência a longo prazo, e materiais arquivísticos com indicações sobre a composição dos diferentes corpos dos músicos da corte não se conseguiram até hoje localizar. No entanto, era e continua a ser de estranhar, que nas listagens dos músicos ligados à casa real portuguesa durante os anos oitenta do séc. XVIII, se encontrem tantos nomes alemães.[18] As observações na correspondência diplomática no que diz respeito à confissão e à garantia de liberdade do exercício da religião deixam reconhecer algumas particularidades características para a situação de então em Lisboa: no Portugal catolicíssimo toleram-se, no máximo dos máximos, a presença e as actividades dos luteranos, e mesmo estes parecem ter sido expostos a consideráveis dificuldades conforme se pode ver no caso do catalão Jayme de la Tê y Sagáu: compositor, poeta e impressor musical residente em Lisboa desde ca. de 1708, empenhou-se publicamente pelos protestantes luteranos, facto que lhe causou, em 1725, consideráveis dissabores.[19] Segundo o já referido contrato parece não ter sido conhecido, até então, em Portugal o privilégio de os trombetistas actuarem sempre em pares e com colegas de mesma qualificação profissional. O Conde de Tarouca sente a necessidade de insistir várias vezes nesta cláusula específica.[20] Ao que parece, foram os critérios musicais e humanos impostos para a selecção dos trombetistas e timbaleiros que causaram as maiores dificuldades: as directrizes concretas do rei no que dizia respeito à formação musical, à versatilidade instrumental e ao comportamento dos músicos na presença de membros da

17 «[...] Os dois Tambores pª cada compª vencerá cada hum por dia 64 alem do pão de munição, e receberá só 40.
Tambor mor 100 por dia, e o pão, e receberá só 80.
Dous tambores pª a de granadeiros a 90 cada hu alem do pão de munição, e receberá só 67.
Pifano pª a compª de granadeiros alem do pão de munição 90 por dia de que receberá 67. [...]
Cada trombeta 200 por dia, alem do pão de munição e com o mesmo desconto, q os soldados [...].» V. Decreto real de 12.11.1707 e J. Soares SILVA (ed.), *Gazeta em forma de carta - anos de 1701-1716: Tomo I (1705 - 1709)*, 30.12.1707.

18 E. TARR, *op. cit.*, p. 229.

19 V. *Jaime de la Tê y Sagáu: Tonos Humanos (Sag: I, 1-40), vol. I*, in *Portugaliae Musica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, Prefácio, p. VIII.

20 V. observação no fim da Lista dos Trombetas e Timbaleiros.

família real foram as razões principais para a grande lentidão com que todo este processo se arrastou. São sintomáticos o episódio da briga nocturna entre um dos trombetistas – na altura do acontecimento nem sequer ainda com o contrato assinado – e um oficial da Guarda neerlandesa,[21] bem como as anotações do embaixador sobre a aspereza e o duro carácter dos músicos alemães.[22] Até que ponto eles realmente tocaram e dominaram os instrumentos indicados como «secundários», é muito difícil verificar, no rol dos músicos verificam-se as respectivas observações relativamente à «destreza» e à habilitação instrumental.[23]

4) O contrato é formulado, por parte do real patrão, com generosidade e tolerância. Na cláusula que exige a disponibilidade total dos músicos reflectem-se as más experiências que resultaram de um comportamento incorrecto e caprichoso dos cantores italianos. No entanto, sabemos que muitas vezes «intervenções fora das horas de serviço» dos instrumentistas e cantores da capela real foram muito bem recompensadas, como aconteceu p. ex. por ocasião de uma festa de anos no palácio do Infante D. Miguel ou aquando de uma serenata nocturna para as freiras do convento de Odivelas (ambos os acontecimentos em Outubro de 1719).[24]

5) Pormenores supreendentes traz o rol da equipagem e das fardas que seguiram viagem com os músicos, merecendo particular interesse os objectos destinados a actuações a cavalo fora do palácio. Graças às descrições dos múltiplos objectos de equipamento e das vestimentas pode reconstituir-se, hoje em dia, o aspecto e a apresentação desta Banda Real. Esta listagem descritiva sugere também a comparação deste material com o fundo ainda hoje existente no Museu dos Coches de Lisboa e que está relacionado com a colecção das famosas «trombetas de prata» e com o equipamento usado pelos músicos de D. José I. Sem querer antecipar

21 V. carta do 06.05.1723.

22 V. carta do 07.10.1723.

23 V. carta do 29.06.1723.

24 «Detti Musici cantarono la notte della Domenica antecedente in Casa del Sig.r Infante D. Michele p li suoi Anni, chiamati dalla Sig.ra Marchesa di Aronces Socera, che le fè dare un generoso regalo di cento monete di oro; mà essi p riconoscenza, essendoui tornati sabato notte, non uollero accettare altra somma consimile, che fù conuertita in una lautissima cena e cominciando à piacere al pubblico il loro canto lapasseranno assai bene con li regali.» In G. DODERER e C. R. FERNANDES, *op. cit.*, p. 92. - «Il Rè p far cosa grata alle Monache del Monastero di Odiuellas lontano di quà due leghe ui fece andare tutti li detti musici p farglieli sentire, doue stiedero cantando fine doppo la mezza notte; e gli fù fatta una lautissima Cena: Sua Mtà ui interuenne senza esser ueduta, e senza che' i musici lo sapessero [...].» In G. DODERER e C. R. FERNANDES, *op. cit.*, p. 92.

futuros resultados, pode dizer-se já neste momento que, aparentemente, uma boa parte desta equipagem guardada no mencionado Museu como pertencente ao corpo dos trombetistas de D. José I, já deve originar dos fundos da equipagem adquirida pelo seu pai. Um confronto entre a descrição do ano de 1723 com, por exemplo, as bandeiras das trombetas ou os adereços dos timbales revela coincidências absolutamente surpreendentes (v. figura 1).

6) Neste sentido, as próprias trombetas exigem a nossa atenção. E. Tarr, depois de as ter examinado exaustivamente, parte do princípio que 22 destas trombetas de prata conservadas (das 24 do Museu dos Coches e que constituem hoje em dia a maior colecção pertencente a uma corte barroca) foram produzidas no mesmo atelier,[25] infelizmente não identificável e mesmo apesar do ano «1762» gravado na superfície do pavilhão, não se pode definir a data da sua construção sem considerável margem de dúvida (existem dois instrumentos que mostram a data 1785). Tomando em conta as informações de que dispomos hoje, graças aos pormenores transmitidos no âmbito do processo da aquisição de instrumentos e equipamento para a Banda do rei, é possível colocar novamente a pergunta sobre a proveniência daquelas trombetas do Museu dos Coches de Lisboa: terá a corte portuguesa assumido, meia dúzia de anos depois do desastroso terramoto de 1755 e no meio de um gigantesco e penoso esforço de reconstrução da capital, a encomenda de um novo e não menos dispendioso equipamento para a banda real (aliás em nada comprovada por meio de documentos arquivísticos)? Não se terá optado – «mutatis mutandibus» – pela utilização do equipamento e do instrumentário de anos anteriores, quiçá não atingidos pelas consequências da catástrofe natural?

25 E. TARR, *op. cit.*, pp. 190-191.

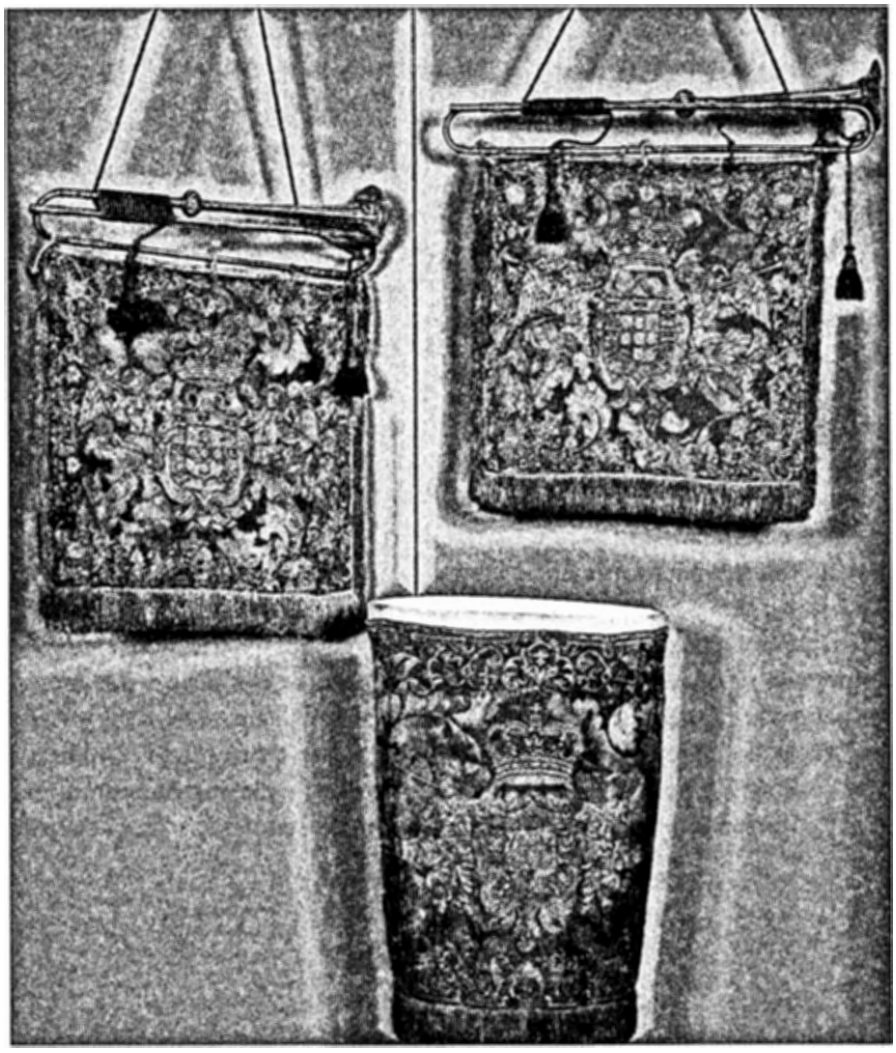

Fig. 1 Bandeiras das trombetas e adereços dos timbales existentes no Museu dos Coches de Lisboa

Anexos

11.03.1721 [A.T. 158, 1718-1728, Cartas de Diogo Mendonça de Corte Real, vol. 5; cóp. deste of. em A. T. 26, vol. 10]

Agora me ordena S. Majestade que Deos guarde escreva a V. S. recomendando-lhe da sua parte buscar-lhe com a brevidade possivel quatro bons timbaleiros, e doze trombetas dos melhores, que houver, e uns, e outros hão de saber muito bem solfa, e não só tocar os timbales, e trombetas mas rabecões, rabecas, oboés, flautas, cornetas de caça, e outros instrumentos, e se aí se costumar ter cada timbal mais de quatro trombetas, virão os que for estilo, advertindo V. S. que se for possível sejam todos católicos, e quando se não possa conseguir em parte, ou em todo ao menos sejam daquelas seitas mais próximas à religião católica, procurando V. S. que estes sejam limpos, e de boa presença, e costumes capazes de aparecerem diante das pessoas reais o que S. Majestade deixa ao cuidado, e boa eleiçaõ de V. S. como também a breve remessa deles.

É S. Majestade servido que V. S. ajuste com estes homens o salário, que hão de vencer o menos que for possível, e em moeda corrente deste Reino, declarando-se no ajuste, que hão de tocar quando se lhes ordenar, sem alegarem que os que cá estão não fazem o mesmo como sucedeu com os músicos, que vieram de Itália, que não queriam cantar mais que nas ocasiões em que o faziam os portugueses, e como V. S. sabe muito bem o que esta gente é será conveniente fazer o ajuste com tal clareza que eles se não possam escusar de fazerem tudo o que se lhes mandar.

Estes homens hão de trazer os timbales, e mais instrumentos que hão de tocar com os seus estandartes tudo novo, e como para isto é preciso dinheiro aviso a Álvaro Nunes [que] assista com o necessário, para cujo efeito remeto a V. S. a carta. Deos guarde a V. S.

Lisboa Ocidental, a 11 de Março de 1721
O Conde de Tarouca
Diogo Mendonça de Corte Real

17.04.1721 [A.T. 26, Cartas do Conde de Tarouca ao Secretário de Estado Diogo de Mendonça, vol. 10]

2ª de ofício em 17 de Abril de 1721

Em carta de V. M. de 11 de Março me ordena S. Majestade que Deus guarde que busque Trombetas e Timbaleiros para o seu serviço. Eu farei logo a diligência com o zelo e cuidado que devo, e para ela me acho com a experiência de haver já sido vários Trombetas de ter enviado para o serviço de V. Infante D. Francisco os que ele me encomendou, e de haver tratado sobre isto com alguns generais de quem me vali para descobrí-los, porém estas mesmas circunstâncias me fazem representar a V. M. o receio de que se não achem bons Trombetas que possam agradar a S. Majestade e peço a V. M. que quis repor na Real presença o que considero sobre este particular.

Não costuma haver Trombetas que saibam solfa mais do que em Alemanha e se nos outros países se descobre algum não querem os alemães tocar em companhia com esse, porque conforme os privilégios que Carlos V. lhes concedeu é crime entre eles tocar com algum que não tenha a carta que chamam de maistrise e os das outras nações ordinariamente repugnam registarem-se a pedir a dita Carta. Assim o praticou um meu que não quis té-la sem embargo de que eu lhe fazia a despesa que ordinariamente é de cem patacas.

Isto suposto será necessário que os Trombetas para S. Majestade se virem de Alemanha, e ali se acharão hoje mui poucos capazes porque sei que em algumas cortes do Império os buscam há tempos sem descobrí-los. Entre os do Imperador não há mais de dois que se estimam. De doze que El-rei de Prússia despediu quando faleceu seu pai nenhum era bom, e o mesmo ouvi dizer de vários que ficaram desacomodados há quatro anos pela morte do Eleitor Palatinado.

Também o Príncipe Eugénio a quem já em outra ocasião recorri para esse efeito me não deu algum [sic].

Nestes termos parece-me que não será fácil achá-los melhores do que os que mandei para servirem ao V. Infante D. Francisco aos quais não aprovei pois que entre eles havia somente capaz um chamado Herkal.

Será provável que os que forem sejam pela maior parte luteranos porque espero descobrir algum em Saxónia.

Os Timbaleiros se acharão com mais facilidade, mas represento a V. M. que ouço das Cortes de Alemanha é empregar com cada seis Trombetas um Timbaleiro, e nunca se faz o que chamam partida para uns Timbales com menos de quatro Trombetas, de sorte que para os doze que S. Majestade quer bastariam dois Timbaleiros e quando muito três.

Queira V. M. avisar-me o que for de gosto de S. Majestade sobre o mesmo dos Timbaleiros, como também se hei de mandar alguns Timbales de prata ou se se conservam ainda no Real serviço os que havia nele.

O mesmo pergunto a respeito das Trombetas que serão de prata se as que aí havia não subsistirem.

Temo muito que o magnífico e bom gosto de El-rei Nosso Senhor se não agrade deste género de divertimento que se propunha determinando que os Trombetas tocassem instrumentos na sua presença porque ainda que sendo solfistas saberão tocar vários não será com a perfeição digna de Real agrado.

Especialmente quanto a Cors de caça devo dizer a V. M. que nunca vi algum que tocasse igualmente bem cor de caça e trombeta, nem se costuma empreender porque como os bocais são diferentes o uso de um instrumento faz prejuízo a outro; enfim eu princípio logo com o maior cuidado a diligência e torno a pedir a V. M. que me diga se à vista de que represento é S. Majestade servido alterar alguma parte das ordens.

10.12.1722 [A.T. 26, Cartas do Conde de Tarouca ao Secretário de Estado Diogo de Mendonça, vol. 11]

Outro [ofício] do mesmo dia [= 10 de Dezembro de 1722]

Respondendo separadamente a diversas ordens de S. Majestade que Deus guarde das quais V. M. me avisa direi quanto aos Trombetas e Timbaleiros que desde que me vieram as primeiras fiz presente a grande dificuldade que trazia de acha-los com as circunstâncias que S. Majestade me encarregou: que nesta diligência ocupei muitos amigos, generais, e ministros dos quais vários me têm desenganado de que não poderiam consegui-la, mas outros se empregam nela com muito cuidado, e ainda há pouco tempo me avisou Mr. Malknegt primeiro ministro em Baviera que dois Trombetas quase me tinha ajustado lhe impunham novas condições sobre quererem mil cruzados de ordenado cada um: que o ministro de Lorena que reside nesta Corte e se acha há mais de um ano em Alemanha tendo ido a Viena trabalha neste particular: que em Saxónia mineral dos Trombetas trabalha o Conde de Lognau, o Conde de Wastorf, e Mr. Lasaraz e tem viajado para este efeito o primeiro Trombeta do Rei de Polónia, o do Duque de Sax Weisemfeldts e o do Duque de Sax Weyma; que por várias cortes anda um criado meu alemão homem de verdade e inteligente em música: que no Alto Rin anda também um dos Trombetas já tomado para o serviço de S. Majestade e todas estas pessoas me servem em termos que bem vejo [?] que em poucos meses terei o número procurado. Vários Trombetas me vieram já que tornei a mandar porque eram incapazes, e desde o mês de Março vencem ordenado seis que aceitei entre os que se me têm enviado.

O Marquês de Montelion que há ano e meio recebeu ordem da sua Corte

para buscar dois respondeu que os não acharia, e que só poderia te-los se eu lhos largasse porque ele contentasse com que eu lhos dê daqueles que recusar.

Quanto ao Rabeca insigne que S. Majestade quer para o seu Serviço duvido muito acha-lo nestes países porque suposto que haja aqui alguns bons não merecem a reputação de insignes. Há poucos tempos passou por esta terra o chamado Veracini que é famoso, e queria deixar o serviço do Rei de Polónia, mas dizem-me que agora endoideceu. Em Londres está Geminiani que não conheço mais que de reputação como assistiu nessa Corte: também em Londres se acham os dois irmãos Castrucci que são bons suposto que não igualam os acima referidos, e o melhor dos dois ganha tanto na ópera que há de querer grande salário para deixar aquele lucro. O Rabeca que nestes países era mais gabado foi meu criado e faleceu, mas nem ele se podia chamar insigne, nem um Rogeri que me mandou meu recomendado o Internúncio de Bruxelas estava como segundo na ópera de Londres. Torno a dizer que ainda poderei achar algum bom não sendo da primeira ordem e na duvida de que assim agrade a El-rei Nosso Senhor espero resposta de V. M. enquanto faço a diligência de descubri-los. Deus guarde.

06.05.1723 [A.T. 26, Cartas do Conde de Tarouca ao Secretário de Estado Diogo de Mendonça, vol. 11]

Ofício em 6 de Maio de 1723

[...] Desde que estou neste emprego me não foi necessário pedir nem dar satisfação, e me não sucedeu, nem a alguém da minha família caso de disputa que me obrigasse a referi-la a V. M.. Há poucas semanas encontrando de noite um Tenente das Guardas, que tem patente de Capitão, a um Trombeta alemão dos que ajustem [?] para servirem a El-Rei Nosso Senhor mas que não teve ainda a capitulação assinada, nem traz libré, nem mora em minha casa, de sorte que não podia gozar de imunidade, lhe deu uma bofetada. Veio logo o Trombeta queixar-se-me e dentro em duas horas soube eu que o Tenente estava preso por ordem do seu Coronel o General Trisem, o qual deu conta ao Commites de raden [sic] que é o Tribunal em que se representa e reside todo o poder da Província de Holanda quando ela está separada: mandou-se que ainda a que eu me não queixava fosse o Tenente rigorosamente castigado, e se convocou o Conselho de guerra na intençaõ de tirar-lhe o posto com nota injuriosa. Os seus parentes, dos quais um é deputado na Assembleia dos Estados Gerais, vieram juntos pedir-me

que eu lhe perdoasse e fizesse comutar-lhe a pena em outro qualquer castigo, porque o da baixa injuriava a todos os da família: eu lhes segurei que não me havia queixado, nem falado no sucesso a pessoa alguma, como eles mesmos me diriam: que não só lhe perdoava mas intercederia para que lhe não tirassem o posto e o deixassem servir, como fiz com efeito. [...]

[sem data = 29.06.1723] [A.T. 26, vol. 10]

Cópia da segunda ordem.

Com o papel incluso respondo à carta de V. S. sobre os Trombetas, e Timbaleiros, e o Senhor Marquês de Alegrete remete a V. S. semelhante papel.
Papel de que acima se faz menção.
Supondo já cá um Timbaleiro e seis Trombetas devem vir agora de Holanda os seguintes:
Três Timbaleiros e 18 Trombeteiros com as partes que se avisou.
Devem vir quatro pares de Timbales, que todos devem tanger juntamente e com esta advertência se mandarão fazer caso que em razão dela se deva mudar a forma de alguns deles a respeito dos pontos da Solfa, e se em razão disto for necessário fazer um com grande diferença maiores que os outros, venham outros tantos Timbales para que se possam tanger separadamente sendo necessário.
Devem vir vinte e quatro Trombetas e seis ou oito Cornos de Chasse.
Devem vir Estandartes, Rodatimbales, selas e arreyos paracidos [?] o sobredito com cordões, franjas, e o mais necessário, muito rico, e bem feito.
Devem vir vestidos verde-escuros, ou silvados porém não tão escuros que pareçam pardos, bem guarnecidos para todos os que vêm, e para os que cá estão, segundo a conta sobredita, com espadins, gravatas, punhos, chapéus bem armados, cordões ou correias bem guarnecidas para os instrumentos se pendurarem ao pescoço.
Devem todas as pessoas que vierem ser de bons corpos, e aspecto, e limpos.
Quer S. Majestade que os Trombetas e Timbaleiros que manda vir que tragam todos os instrumentos que souberem tocar antes demais do que de menos porque não tenham cá desculpa de que não há, como Trombetas, Violinos, e Violões, Baxões, Hautbois, e Flautas, todos os mais que souberem tocar ainda que aqui se não expressão seus nomes porque de todos lhe mandaram usar e bom será que se achem com eles.

05.08.1723 [A.T. 26, Cartas do Conde de Tarouca ao Secretário de Estado Diogo de Mendonça, vol. 11]

Outra [cópia] do mesmo dia [= 5 de Agosto de 1723]

V. M. me avisa em carta de 29 de Junho que S. Majestade que Deus guarde tem reparado na tardança dos Trombetas, e como S. Majestade quis formar um corpo de dezoito Trombetas e três Timbaleiros além dos sete que aí estão no seu serviço não havendo príncipe algum que actualmente tenha tão grande número de Trombetas de Corte, e me ordenou que os buscasse com tantas circunstâncias; não é muito que hajam tardado e que se demorassem as minhas diligências em que trabalhei com a prática que tenho de semelhantes comissões, e com muitos conhecimentos de generais e ministros que me ajudarão.

Muitos Trombetas me vieram que depois dos gastos das suas viagens e de lhes pagar meses de ordenados os despedi por incapazes, outros desertaram, e vários enjeitei por não terem mais préstimo que o de tocar Trombeta, como um que era das guardas del-Rei de Polónia. Alguns estão vencendo ordenado há mais de um ano, e os houvera mandado logo senão imaginara que S. Majestade gostaria de que chegasse aí este corpo todo junto. Ele é o mais lúcido que presentemente há deste género, e nas cortes de Alemanha se sabe já o como será magnífico nos vestidos e aprestos; de sorte que poucas vezes se tem feito despesas desta qualidade que fossem tão brilhantes.

Como S. Majestade quer que vão logo os que estão juntos que são quase todos os procurados partirão sem falta neste mês que corre se o vento o permitir que é só o que pode embaraça-los. Tenho por certo que o magnífico gosto de S. Majestade fique satisfeito da encomenda assim como eu fico pesaroso de se haver dilatado sem embargo de que me empreguei nela com sumo fervor e aplicação. Deus guarde V. M.

07.10.1723 [A.T. 26, Cartas do Conde de Tarouca ao Secretário de Estado Diogo de Mendonça, vol. 11]

Cópia da segunda carta de ofício. Em 7 de Outubro de 1723

Em 5 de Agosto fiz resposta à carta de V. M. de 29 de Junho sobre os Trombetas, e Timbaleiros que S. Majestade que Deus guarde quer no seu serviço representando-lhe que eu [...?] mandar os que tinha achado por entender que S. Majestade se agradaria de que aquele corpo fosse todo junto, e se lograse assim melhor o lusimento [sic] delle, porém logo que me veio a última ordem procurei um navio inglês para os enviar com segurança a respeito dos Mouros, que infestam tanto as costas desse Reino. O navio que mandei fretar teve várias dilações esperando de Londres ordem de seu dono, mas a esta hora os suponho no Texel pronto a dar à vela, e nele vão bem acomodados estes homens dos quais cinco casados levam suas mulheres, e filhos.

As pessoas, que empreguei nesta diligência não puderam acabar de inteirar o número encomendado, que faria completo se eu não tivera despedido alguns Trombetas, e um Timbaleiro depois de os haver sustentado muito tempo, por experimentar que estão indignos à vista da ordem especial de S. Majestade de que estes tivessem bons costumes. Para avisar a memória de V. M. nestas circunstâncias, e em outras lhe meto a copia das ordens que me vieram.

Vão finalmente dezasseis Trombetas, e dois Timbaleiros, como V. M. verá na lista inclusa, em que se apontam os seus préstimos, e com este fiz a chamada capitulação, que assinei com cada um separadamente, e também desta remeto cópias.

Em semelhantes corpos de Trombetas costumam nomear-se um destes para Trombeta maior que os governa na continua discórdia, com que vivem: eu tinha escolhido um do eleitor Palatino, como também um seu Timbaleiro, os quais depois de me fazerem esperar muitos tempos deixaram de vir, por não poderem conseguir as suas demissões, e entre os que mando não acho em algum os requisitos necessários para ser Trombeta maior.

Nenhum destes homens é insigne Trombeta, porém são mui suficientes, e muito melhores que os que foram para o serviço do Senhor Infante D. Francisco, os quais ahi parecerão bem, e entendo que não há Príncipe, que tenha a um tão grande número de Trombetas capazes.

V. M. me encomendou que os ajustasse pelo preço mais cómodo que fosse possível, e estes todos levam ordenados iguais aos que vencem os que ai estão já no Real serviço, de forma que não podia ser mais moderado. Por estarem alguns tomados há mais tempo e pelo custo das suas jornadas tem feito muita despesa, como V. M. verá no recibo que me deram, de que mando cópia, porque esta

gente dificílima de contentar-se é insaciável. Se aí fizerem novas pretensões com este recibo se lhes mostrará que não têm justiça nelas.

Devo segurar a V. M. não só com a minha experiência mas como conselho de pessoas mui inteligentes que os vejo destes homens servirem bem é cumprir-lhes a capitulação, mas fazer-lhes mui poucos favores tratando-os com grande severidade, porque é neles muito mais poderosa a aspereza que a doçura. No tempo em que aqui estiveram me foi preciso prender alguns, e ultimamente um que no ponto de se embarcarem quase desertou.

Fico ainda buscando dois Trombetas, e um Timbaleiro que faltam para o numero, que mandarei tanto que os for achando.

V. M. me advertiu que não os havendo católicos fossem da seita mais próxima à nossa religião, e como entre os que hoje se chamam Protestantes a menos separada da nossa é a Luterana escolhi desta as onze pessoas que com sete católicos fazem as dezoito nomeadas na lista.

Remeto também inclusa a memória do que contêm treze caixões que levam as equipagens, e vai tudo o necessário para vestir as dez pessoas que hão de perfazer o número de vinte, e oito.

Estimarei infinitamente conseguir o agrado del-Rei Rei Nosso Senhor nesta encomenda, e já fiz presente a V. M. as justas razões para a demora nela. Guarde Deus a V. M muitos anos. Haya ..... a

Le Comte Tarouca

Déclarons que par ordre de sa Majesté nous engageons dans son service le Trompette ..... aux conditions suivantes les quelles nous promettons qui seront observées:

1° Qu' il servira autant de temps qu' il plaira a Sa Majesté et pour le moins un an à commencer du jour de son arrivée en Portugal.

2° Que si après ce temps quelque affaire de famille ou autre raison solide l' oblige de quitter le service de sa Majesté, il aura son congé avec un passeport pour pouvoir se retirer chez lui, et trois mois d' appoints pour les frais de son voyage.

3° Qu' il aura de la même manière un passeport et trois mois d' appointements pour la dépense de son voyage s' il plait a sa Majesté de le congédier en quelque temps que ce soit.

4° Que du présent jour jusque' à celui de son congé il aura d' appointements pour gages et nouritures la somme de cinq cents florins par an monoie courante de Hollande, faisant deux cents pataques, dites piastres, monnaie de Portugal.

5° Que pendant qu' il sera au service de sa Majesté ou lui donnera un logement, ou l' argent qu' il tiendra pour le louer.

6° Qu' il aura tous les ans un habit de la manière et qualité qu' il plaira a Sa Majesté, et en cas qu' on ne lui donne pas le dit habit on lui accordera cette somme d' argent qu' il plaira a Sa Majesté pour l' habiller.

7° Que son transport d' ici a Lisbonne lui sera payé.

8° Que l' exercice de sa religion lui sera permis.

9° Qu' on ne l' obligera point a sonner avec quelqu' autre Trompette qui n' aurait les privilèges pratiqués en Allemagne.

10° Qu' il sera cependant obligé à jouer des instruments dont il aura connaissance en tout temps et à toutes heures que Sa Majesté le voudra ordonner, sans en faire la moindre dificulté.

11° Qu' en fin il se conduira sagement et fidèlement évitant tous sujets de dispute et de querelle avec ses camarades ou avec quelqu' autre personne.

En foi de quoi nous avons signé le présent écrit et y avont fait apposer le scel de nos armes, faisant pareillement signer le dit Trompette .....

À la Haye .....

O Conde de Tarouca

Declaramos que por ordem de S. Majestade tomamos para o seu serviço o Trombeta ..... com as condições seguintes, as quais prometemos que serão observadas.

1º Que ele servirá todo o tempo que agradar a S. Majestade e pelo menos um ano que começará no dia da sua chegada a Portugal.

2º Que se depois deste tempo algum negócio doméstico ou outra razão sólida o obrigar a que largue o serviço de S. Majestade se lhe dará demissão com um passaporte para se poder retirar ao seu país, e o ordenado de três meses para a despesa da jornada.

3º Que da mesma maneira se lhe dará passaporte, e o ordenado de três meses para a despesa da jornada se S. Majestade quiser despedí-lo em qualquer tempo que seja.

4º Que desde o presente dia até ao em que for despedido terá de paga por soldo, e sustento a soma de quinhentos florins por ano moeda corrente de Holanda, que fazem duzentas das chamadas Patacas em Portugal.

5º Que em quanto estiver no serviço de S. Majestade se lhe dará casa em que viva, ou dinheiro necessário para alugá-la.

6º Que se lhe dará cada ano um vestido da maneira, e qualidade que S. Majestade quiser, e no caso que se lhe não dê o vestido se lhe pagará por ele em dinheiro o que S. Majestade ordenar.

7º Que se lhe fará a despesa do transporte daqui a Lisboa.

8º Que lhe será permitido o exercício da sua religião.

9º Que não será obrigado a tocar com outro qualquer Trombeta, que não tenha os privilégios praticados em Alemanha.

10º Que contudo será obrigado a tanger os instrumentos que souber a todo o tempo, e a toda a hora que S. Majestade mandar sem fazer mínima dificuldade.

11º Que finalmente procederá com prudência, e fidelidade evitando toda a sorte de disputa ou briga com os seus companheiros, ou com qualquer outra pessoa.

Em fé do que assinamos o presente escrito, e lhe fizemos pôr o sinete das nossas armas fazendo também assinar o do Trombeta.

Haya,

Memória do que contêm os 13 caixões que vão numerados e levam equipagens que hão de servir com os Trombetas e Timbaleiros

No caixão nº 1 vai o seguinte.
24: Estandartes para as Trombetas, de damasco verde bordados de prata por ambas as partes com franjas e dez borlas cada um. A coroa e o ornamento das armas são de ouro porque nestes senão devia seguir a cor da libré de Casa Real visto que esta tal libré verde e branca não é regulada pelas cores das armas Reais, e com aquele ouro ficarão os estandartes mais vistosos.
8: Estandartes da mesma qualidade para os Timbales, guarnecidos além das franjas e de sete borlas com uns laços de cordões e botões de prata de novo modo, que foi aqui mui aprovado.
24: Cordões de prata com borlas grandes para se pendurarem ao ombro dos Trombetas.
1: Trombeta preparada com um dos ditos cordões e estandartes para modelo de como as outras se hão de guarnecer.

Nº 2.
28: Charéis de pano verde bordados de prata ligeiramente, porém mais ricos do que [?] se deram a Trombetas, com cifras de ouro e guarnecidos de galão de prata.
24: Pares de bolsas de coldres da mesma qualidade, e não vão 28 porque os Timbaleiros não trazem coldres.
52: Peles de bezerro preparadas para servirem nos Timbales.

Nº 3.
18: Vestidos, casaca, vestia, e calções de pano verde guarnecidos de galões largos e estreitos, e borlas de prata, feitos pelas medidas das 18 pessoas que agora se embarcaram.

Nº 4.
75: Cóvados de pano verde para dez vestidos regulados um por outro conforme os que aqui se fizeram.
86 1/2: Cóvados de saieta para forro.
50: Cóvados de forro branco para os calções e costas das vestias.
524: Cóvados de galão de prata largo à proporção do que os outros vestidos levaram compreendendo o galão dos cinturões.
1420: Cóvados de galão de prata estreito.
50: Cóvados de franja de prata para as borlas dos alamares.
34 1/2 Dúzias de botões de prata para as casacas.
40: Dúzias de botões para as vestias.

10: Pares de ligas de prata para as calções.
10: Pares de fivelas pequenas para eles.
2: Cóvados de pano verde para dez cinturões.
18: Cinturões já feitos com suas fivelas.
12: Fivelas para os outros dez atendendo-se a que pode que quebrar algum.
28: Espadas prateadas de sorte que se conservam assim muitos anos conforme a ultima moda, com punho e sinos.
28: Pares de meias de seda brancas de Inglaterra.
28: Chapéus com galões de prata e presilhas já postas para serem bem armados.
28: Plumas brancas.
28: Pares de Luvas.
56: Gravatas de caça.
56: Pares de punhos do mesmo.
O Resto da peça de damasco que sobejou dos estandartes que poderá servir para reparar-se o dano que houver em algum.

Nº 5.
23: Trombetas de prata sobredourada em algumas partes irmãs da que vai no caixão nº 1.
23: Paus pequenos que servem nas trombetas aonde se atam os cordões.

Nº 6.
4: Timbales com as suas chaves, e quatro pés de pau torneados, em que costumam por-se.

Nº 7.
Outros quatro Timbales com suas chaves, e pés torneados.

Nº 8.
8: Selas, com oito arreios, que contêm peitorais, rabichos, cabeçadas, garupas, silhas, e copos para os freios.

Nº 9.
8: Selas com tudo o mesmo.

Nº 10.
8: Selas com tudo o mesmo.

Nº 11.
4: Selas com quatro arreios da mesma sorte.

Nº 12.
24: Pares de coldres.
28: Pares de estribos.
28: Pares de loros.
8: Capas de Moscovia para os Timbales.
8: Correias grandes para elas.
4: Correias mais pequenas.
8: Almofadas para os mesmos Timbales.
28: Pares de botas com esporas.

Nº 13.
6: Cors de caça com cordões e borlas de retróz verde porque sendo estes instrumentos de latão neles se não costuma por cordões de prata.
4: Rabecões.
16: Rabecas.
2: Rabecas chamadas talhas.
2: Flautas chamadas traversieres.
6: Flautas ordinárias.
1: Baixão.
Vários livros de Sonatas de seis Autores, à saber Corelli, Valentini, Vivaldi, Faco, Albinoni, e Abaco.

Além destes instrumentos, cada um dos Trombetas leva uma Trombeta de latão para fazerem exercício, e vai também de fora dos caixões 5º par de Timbales mais pequenos para o exercício: levam também dois instrumentos chamados Viole d' amour.

Lista dos Trombetas e Timbaleiros que vaõ para o serviço de Sua Majestade que Deus guarde

	Trombetas	Religião que professam	Instrumentos que tocam		
1.	George Simons	Católico	Rabeca		Fala francês
2.	Joaõ Ploninger	Católico	Rabeca, Rabecão, Talhe, e Cors de Chasse	É mui destro na Solfa	
3.	Nicolao Lot	Católico	Rabeca, Flauta doce e Cors de Chasse	É mui destro	
4.	Phelipe Marx	Católico	Talhe e Cors de chasse	Não é destro na Solfa	Fala francês
5.	Francisco Alexandre	Católico	Rabeca		
6.	Joao Grabber	Católico	Rabeca, Flauta doce, viola d' amour, e Cors de Chasse	É mui destro	Fala latim, francês e italiano
7.	Joaõ Grinhagen	Luterano	Rabeca, Rabecão, Flauta doce, e Baxão	É mui destro	
8.	Joaõ Picheof	Luterano	Rabeca, Flauta doce, e Flauta Traversière		
9.	André Berlich	Luterano	Rabeca, Flauta doce, e Cors de Chasse		

10.	Zacharias Mutthesig	Luterano	Rabeca, Rabecão, e Talhe	
11.	Geremias Schiel	Luterano	Rabeca	
12.	Geremias Langraf	Luterano	Rabeca, e Rabecão	
13.	Christian Kuhna	Luterano	Rabeca e Cors de Chasse	
14.	Samuel Kral	Luterano	Rabeca, e Rabecão	
15.	Everard Luders	Luterano	Rabeca, Flauta doce, Flauta traversière, e Cors de Chasse	
16.	Christian Adam Wezel	Luterano	Talhe	Naõ é destro

Timbaleiros

17.	Francisco Herolt	Católico	Rabeca, Flauta, viola d' amour, e Cors de Chasse	
18.	Christian Henrique Groehe	Luterano	Rabeca	É mui destro

Os trombetas alemães não costumam tocar sós e para estes possam agradar a Sua Majestade é necessário ouvi-los a dois e dois porque aliás hão de perturbar-se e certamente neste caso não pareceriam tão bons como são.

Todos sabem bem solfa excepto dois que não são destros suposto que a não ignoram e os que entre eles a sabem melhor vão apontados.

Ainda que não tangem com perfeição os instrumentos declarados são mui suficientes para as sinfonias e os que tocam melhor Trombeta são cinco a saber os três primeiros católicos da lista George, Ploninger, e Lot, e os dois luteranos primeiro nome a dos Grinhagen e Picheof.

Os Timbaleiros são excelentes, e o chamado Groehe tange melhor a Rabeca do que os Trombetas.

Muitos deles tocam Cors de Chasse, mas nisso nenhum é hábil, nem é fácil achar-se quem toque igualmente bem Trombeta, e Cors de Chasse em razão da diferença dos bocais e do movimento da língua com que se tocam.

04.11.1723 [A.T. 26, Cartas do Conde de Tarouca ao Secretário de Estado Diogo de Mendonça, vol. 11]

Ofício em 4 de Novembro de 1723

[...] Depois de estarem mais de um mês embarcados – os Trombetas que vão para o serviço de S. Majestade que Deus guarde saíram finalmente do Texel há três dias com bom vento que ainda lhes dura e agora poderei lançar inteiramente a conta de que se despendiu – com eles a qual enviarei a V. M . que Deus guarde muitos anos.

30.11.1723 [A.T. 158, Arquivo do Conde de Tarouca, vol. 6]

[...] Suponho que os Trombetas não saíram do Texel, visto que o navio até agora não entrou neste porto. [...]

Lisboa Ocidental, a 30 de Novembro de 1723

01.02.1724 [A.T. 158, Arquivo do Conde de Tarouca, vol. 6]

[...] Os Trombetas chegaram, e creio que estarão satisfeitos porque a cada um deles se deu a sua ajuda de custo. [...]

Lisboa Ocidental, a 1 de Fevereiro de 1724